



Fraude bilionária

Cúpula do Panamericano é 'organização criminosas', diz PF
Pág. B6

Sacoleiros de luxo

Brasileiros nos EUA vão atrás de presentes a pedido de amigos
Pág. B12

Carro do futuro

Montadoras como a Volvo, de Norinder, equipam carros com tecnologia inédita para pedir socorro
Pág. B14



Economia & NEGÓCIOS

ENTREVISTA

Henrique Meirelles, presidente do Banco Central

'Uma meta para a taxa de juros é incompatível com a meta de inflação'

Presidente do BC alerta que taxa só pode cair se a inflação baixar, não o contrário; governo Dilma quer reduzir juro real

David Friedman
Leandro Moisés

A maior conquista de Henrique Meirelles à frente do Banco Central (BC) talvez não possa ser medida na evolução dos indicadores econômicos, que de fato melhoraram nos últimos anos, mas no tempo de permanência no cargo. Em um País que se acostumou a trocar presidentes do BC com frequência, ele estabeleceu um recorde: ocupou a função do primeiro ao último dia do governo Lula. Exatos oito anos. A partir de janeiro, será substituído pelo diretor de Normas da instituição, Alexandre Tombini.

Nesses oito anos, enfrentou vários tipos de pressão, sobretudo na definição da taxa básica de juros (Selic). Ainda que de forma discreta, deixa claro que o jogo foi pesado. Em 2008, cogitou sair: "Disse ao presidente [Lula] que era um excelente momento para eu sair, que ele poderia fazer uma transição tranquila", revela.

Após quatro meses de quarentena, Meirelles voltará a comandar o movimento Viva o Centro, que prega a valorização dessa região da capital paulista. Na comparação do mercado, mostra-se tranquilo quanto à orientação econômica do governo Dilma. Mas não deixa de dar sua opinião sobre a intenção de presidente eleita de reduzir o juro real (que descarta a inflação) no Brasil para algo entre 2% e 3% em 2014 (hoje está na casa dos 6%, o maior do mundo). "A queda dos juros é uma consequência e não uma meta", afirmou ao Estado, quinta-feira, na sede do BC em São Paulo.

● O mercado avança que sua saída fortalece o ministro Guido Mantega e a linha desenvolvimentista. O sr. acha que a política econômica pode mudar? Acredito que não. Em primeiro lugar, porque a estabilidade econômica, a inflação na meta e o câmbio flutuante deram resultados tangíveis para a população

brasileira. Portanto, não acredito que exista alguma margem de manobra. Segundo, o Banco Central terá como presidente alguém totalmente sintonizado com a atual política monetária e cambial.

● O sr. disse que seu sucessor está totalmente sintonizado com a política que o sr. implementou. Mas a presidente eleita nem sempre esteve sintonizada com o BC. Quando recebeu a homenagem da Câmara Brasil-Estados Unidos em Nova York, ela declarou apoio integral à administração do BC e à política monetária e cambial. Depois disso, durante a campanha, também defendeu a política do BC e seu resultado. Portanto, acredita que dará o apoio necessário ao BC para continuar essa política.

● O sr. sempre disse que meta de juros é uma inversão de prioridades. E uma das bandeiras do novo governo é ter juro real entre 2% e 3% até o fim do mandato de Dilma Rousseff. Uma meta para juros é incompatível com a meta de inflação. Por definição, o juro pode cair ao longo do tempo, como tem caído nos últimos anos. Na medida em que a inflação esteja consistentemente na meta, o risco de inflação cai, o prêmio de risco de inflação cai. Em resumo: a queda dos juros é uma consequência e não uma meta.

● Foi o discurso do governo, pela escolha dos nomes para assessorar o ministro Mantega, o sr. acha que o governo vai tentar a mesma posição do seu período ou vai ser mais intervencionista? De novo, acredito que essa política foi muito bem sucedida e mostrou resultados suficientemente bem sucedidos para ser mantida. Creio que já existe consciência no País e certamente no Banco Central de que quedas de juros artificiais levam a mais inflação e a mais juros no futuro. Portanto, não acredito que possa haver esse tipo de intervenção na política econômica.

● O sr. se mostra bem tranquilo quanto à política econômica do futuro governo. Mas no mercado vemos as pessoas preocupadas. Acha normal. O mercado, por definição, é cético e trabalha com fatos, não com declara-

ções. Expresso a minha convicção baseada na diretoria que aqui ficou e no fato de que o [Alexandre] Tombini tem trabalhado comigo há cinco anos e temos discutido de esse assunto.

● Se houvesse a autonomia formal do BC, esse tipo de especulação não existiria mais? Certamente. Já disse várias vezes nos últimos anos que uma parte dos juros no Brasil está relacionada exatamente ao fato de que sempre há incerteza sobre continuidade nos próximos muitos anos. De outro lado, a autonomia operacional do BC, exercida de fato nos últimos anos, fez com que grande parte dessa incerteza diminísse.

● Mas a autonomia operacional funciona muito na base do esforço pessoal, do respeito que o sr. conquistou, dentro do governo. De fato, não há garantia formal. Compete agora à presidente Dilma e ao presidente Tombini exercerem a autonomia operacional como já afirmaram.

● O sr. queria ter ficado no BC? Não. Tomei a decisão de sair no início do ano. Decidi sair em março, depois resolvi permanecer, e os fatos mostraram que foi uma boa decisão. Foi um ano mais difícil do que parecia em março. A minha decisão era



Ruído. Tomei a decisão de não anunciar que ia sair do Banco Central, diz Henrique Meirelles

saír em 2010, já comunicada ao presidente Lula e à presidente eleita. Não só a minha saída como a indicação do Tombini. Desde março, a diretoria estava preparada para essa mudança.

● E a História que circula de que o sr. teria exigido autonomia formal para continuar no governo, o que teria deixado a presidente eleita irritada com o sr.? Tomei a decisão de não anunciar que ia sair. Acredito que foi uma decisão correta. Como não existe autonomia formal do BC e o novo presidente não estava escolhido, poderia haver um vácuo de poder e uma incerteza enorme nos mercados, deteriorando expectativas de inflação de um lado e talvez prejudicando soluções bem-sucedidas como no caso do Panamericano. Em razão disso, tomei a decisão de não anunciar que iria sair do BC e isso evidentemente deu margem a ruído. É o caso de não ter anunciado antes.

● O sr. teria gostado de permanecer no governo em outra posição? Não. A maior parte da minha vida foi no setor privado. Quando decidi fazer uma experiência no setor público, decidi me candidatar a deputado federal, o que fiz em 2004. Minha ideia era fazer uma contribuição. O presi-

dente da República me deu essa oportunidade de ser o presidente do BC e tudo aquilo que eu pretendia contribuir para o País eu consegui. Portanto, considero a minha missão terminada.

● O sr. abandonou seu projeto político? O sr. foi eleito deputado, foi candidato para vice de Dilma... É verdade. Tudo dentro do projeto de dar um tipo de contribuição para o País. No momento em que tive a oportunidade de exercer a presidência do BC, pude dar essa contribuição de uma maneira mais eficaz e mais direta. Portanto, vou concluir a missão que tinha em projeto.

● O sr. sai do BC deixando como resultados a inflação mais baixa, juros mais baixos... Mas, no político, foi candidato para presidente, ministro... O sr. se frustrou com o mundo político? Não. O mundo político e o mundo econômico oferecem dificuldades e desafios. Caso eu tivesse de fazer a vida política como objetivo principal, teria saído do BC em março de 2010 para disputar a convenção do PMDB para vice-presidente ou para o Senado de Goiás, que era uma eleição relativamente tranquila. Quando tomei a decisão de ficar no BC, fiz uma opção e não tenho do que reclamar.

● Destacaria algum? Correria o risco de ser injusto com quem não fosse destacado.

● É função do BC contrariar interesses?, diz Meirelles. Pág. B3

● Essa semana, o sr. disse que considerava sua missão na administração pública federal cumprida. Isso significa que não tem mais planos para o governo federal ou para o político em geral? Significa que considero neste momento minha missão na administração pública federal cumprida. Ocupar outro ministério não é minha preferência. Evidentemente que olhando para o futuro em tempo de quatro meses de quarentena para analisar diversas alternativas, minha intenção é o setor privado, o terceiro setor. Eu estava bastante antes de me candidatar a deputado. Continuei como presidente licenciado do Viva o Centro e vou reassumir em janeiro.

● O sr. voltará para São Paulo? Sim.

● E o que vai fazer, além do Viva o Centro? Meu pai se aposentou aos 56 anos. Resolvi voltar a trabalhar. Era advogado e trabalhei mais 30 anos. Se aposentou aos 92. Seis meses depois, fui fazer uma visita e ele me disse que tinha se precipitado (risos). Eu tenho mais raízes nessa mesma intenção, se tudo correr bem. A lei determina que tenho de ficar de quarentena quatro meses. Depois vou conversar, tomar decisões.

● Na iniciativa privada, que tipo de ação o interessa? Acho prematuro discutir isso agora. Mas certamente será algo que possa agregar valor. Minha decisão vai passar por aí.

● O sr. tem sido sondado? Não tenho deixado as pessoas falarem. Mas muita gente já disse que quer conversar comigo.

● Sua intenção é ficar no Brasil ou voltar para o exterior? Brasil.

● O sr. fez amigos no governo nesses 8 anos? Muitos e bons amigos.

● Destacaria algum? Correria o risco de ser injusto com quem não fosse destacado.

● É função do BC contrariar interesses?, diz Meirelles. Pág. B3

KIA CERATO. 6 MARCHAS E 1 DÚVIDA: AUTOMÁTICO OU MANUAL.

CONFIRA NOS CLASSIFICADOS.

www.kia.com.br

KIA

Cinto de segurança salva vidas.